



A multidão rodeou o Palácio do Planalto desde cedo para ver o entre-e-sai de convidados ilustres - os homens de fraque e cartola. Faltavam água, comida e alojamento para todos

Naquele dia, 38 anos atrás

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

Pouco mais de meia-noite da-quele 21 de abril de 1960, uma quinta-feira, rezou-se uma missa em frente ao Palácio do Planalto. Em seguida, ouviu-se a voz do papa João XXIII em mensagem transmitida pela Rádio do Vaticano. O mesmo sino que anunciou o enforcamento de Tiradentes repicou para celebrar a nova capital. A mesma cruz que emoldurou a primeira missa no Brasil veio de Portugal para a festa. Dez holofotes do Exército piscavam sobre a Praça dos Três Poderes. Brasília acabava de ganhar a certidão de nascimento.

Mais de 150 mil pessoas, entre habitantes e convidados, estavam arranchados em Brasília. Nos apartamentos dormiam até 15, 20 pessoas. O Brasília Palace Hotel era ocupado pelos visitantes ilustres, deputados, senadores. Com alguma sorte, podia-se alugar uma caminhonete adaptada com lavatório, mesa, espelho, armário e três camas. Espécie de vestiário feito de lona era armado do lado de fora, para as necessidades mais prementes. Essas caminhonetes ficaram estacionadas nas proximidades do Brasília Palace à espera dos fregueses.

Um ricoa carioca de nome Baby Monteiro chegou com um comboio de Kombis transportando comida e bebida. No Rio, corria uma lista de recomendações para quem viesse à festa de inauguração, que incluía água para beber, três cobertores para o caso de se ter de dormir dentro do carro, toalha, sabão e pouco dinheiro. Como hoje, era grande o risco de ser roubado. E comida, porque só havia três restaurantes: o do Brasília, o Chez Wills e o Caravalle. E as filas eram desanimadoras.

Às 8 da manhã do dia da inauguração, o presidente Juscelino Kubitschek já estava de casaca e cartola na Praça dos Três Poderes para o hasteamento da Bandeira do Brasil à qual havia sido acrescentada a 26ª estrela, a do novo Estado da Guanabara. JK tinha olheiras, acumuladas nos três últimos anos e observadas por dois médicos que o acompanhavam durante os cinco dias de solenidades, de quarta a domingo.

Depois de instalar simultaneamente os três poderes e a Arquidiocese de Brasília, JK foi recebido por um Congresso dividido entre os muitos governistas favoráveis à construção de Brasília e os oposicionistas que só aceitaram comparecer à solenidade depois de um acordo que garantiria a instalação de uma Comissão Parlamentar de

Inquérito para investigar as supostas irregularidades nas obras. Por um voto contrário, a CPI não vingou. Talvez prevendo a derrota, a oposição nem se levantou nem aplaudiu Juscelino à entrada do plenário da Câmara, com iluminação pela metade e sem cinzeiros. Ao final da sessão, o carpete teve de ser trocado: fora todo queimado com cinzas de cigarros.

RECALQUE COLONIAL

Juscelino e Israel Pinheiro revezavam-se no papel de dono da festa. Ao entregar as chaves da cidade para o presidente, Pinheiro evocou a dura batalha da construção "em que se alinhavavam à nossa vanguarda, como se não bastassem tantos obstáculos, com armas novas reluzentes, esse recalque colonial de inferioridade, esse sentimento de incapacidade de libertação, esse medo original de expansão independente, lentamente estratificado na consciência nacional por uma secular pregação conformista."

Chave na mão, o presidente disse: "Eis o produto de nossas angústias, de

nossos riscos e do suor de nossas lides, eis a cidade que o extraordinário Lúcio Costa disse já nascer adulta."

No meio da tarde, os candangos ocuparam o Eixo Monumental com um desfile de caminhões, cavadeiras, guindastes, tratores, jipes e bicicletas. Atrás deles, seguiram-se cinco mil militares. A Esquadilha da Fumaça, claro, exibiu-se para a multidão, embicando atrás de um Congresso ainda com andaimes.

Num imenso galpão construído entre os palácio do Planalto e da Justiça, a Cervejaria Antarctica montou um grande bar e churrascaria. Era um dos muitos quiosques montados para a festa, mas o da Antarctica era — digamos — o mais chique, o que incluía um conjunto com 15 músicos. Foram servidos durante os quatro dias de festividades 15 mil litros de chope, quatro toneladas de churrasco, 12 mil dúzias de refrigerante, 22 mil dúzias de guaraná.

Não havia como cumprir todos os compromissos do dia. Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, não se fez de rogado quando Juscelino lhe avisou que não podia acompanhá-lo

numa visita ao Planalto. Brizola trouxe uma caravana de gaúchos e queria levá-los para conhecer o palácio.

— A casa é sua, disse JK a Brizola. E o então governador atendeu à recomendação de pronto.

Durante hora e meia um espetáculo pirotécnico envolveu os céus da cidade. Dizia-se à época que era o maior já visto em todo o mundo e há quem garanta que se desenharam com as luzes incandescentes as imagens de JK, Lúcio Costa, Niemeyer e Israel Pinheiro.

A festa no Itamaraty reuniu 5 mil pessoas, entre elas sete governadores. Comentava-se a água fria nos chuveiros e a falta de cortina nos quartos. Mas era preciso se curvar ao feito que àquela altura so-

mava 359 mil metros quadrados de construção (estavam prontos o Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel, o Supremo Tribunal Federal, o Pa-

lácio do Planalto, o Congresso e onze ministérios). O governador da Bahia, Juracy Magalhães, deu uma gravata de seda a JK, em pagamento ao desafio feito três anos antes. Magalhães duvidara que Juscelino conseguiria mudar a capital em tão pouco tempo.

Ainda era noite quando perto de 50 mil carros deixaram Brasília pelas rodovias de acesso a Belo Horizonte, Rio, Goiânia e São Paulo. No dia 22, a cidade perdeu a ostentação das autoridades visitantes — inclusive deputados e senadores e viu-se só.



Juscelino: olheiras, alegria e choro



Os candangos desfilaram sobre caminhões, tratores, escavadeiras, jipes e bicicletas: foram mais de 5 quilômetros de comboio pelo Eixo Monumental

DECLARAÇÃO A BRASÍLIA

"BRASÍLIA JÁ TEM SUA PRÓPRIA IDENTIDADE. ABRIGA DOIS MILHÕES DE BRASILEIROS QUE ENFRENTAM AS MESMAS DIFICULDADES E TÊM OS MESMOS SONHOS QUE OS DEMAIS BRASILEIROS. VIVO AQUI HÁ 17 ANOS E AMO ESTA CIDADE"

Fernando Henrique Cardoso, em entrevista à revista Fecomércio - Economia de Brasília, abril de 1998

"BRASÍLIA É CADA VEZ MAIS ADORÁVEL POR CONSTANTEMENTE REAFIRMAR UM SONHO E CADA VEZ MAIS RESPEITÁVEL POR ASSUMIR SERIAMENTE SEU LADO CIDADE"

Cristovam Buarque, governador do Distrito Federal

"BRASÍLIA NASCEU DE UM SONHO. NÃO PODE VIRAR PESADELO. ESSE É O NOSSO DESAFIO"

José Roberto Arruda, senador PSDB/DF

"BRASÍLIA, QUE DESDE A SUA CONSTRUÇÃO RECEBE OS BRASILEIROS QUE AQUI CHEGAM PARA LUTAR E VENCER, CONTINUA A SER A CIDADE QUE MANTÉM VIVA A ESPERANÇA DO POVO EM UM PAÍS DE OPORTUNIDADES E PLENA JUSTIÇA SOCIAL"

Joaquim Roriz, ex-governador do Distrito Federal

"BRASÍLIA NUNCA SERÁ UMA CIDADE VELHA, E SIM, DEPOIS DE COMPLETADA E COM O CORRER DOS ANOS, UMA CIDADE ANTIGA. O QUE É DIFERENTE, ANTIGA, MAS PERMANENTEMENTE VIVA"

"DEIXEM BRASÍLIA CRESCER TAL COMO FOI CONCEBIDA, COMO DEVE SER, — DERRAMADA, SERENA, BELA E ÚNICA"

Lúcio Costa, durante o 1º Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, Senado Federal, 1974

"SEMPRE DIGO QUANDO ALGUÉM VEM A BRASÍLIA: OLHA VOCÊ PODE GOSTAR OU NÃO DOS PALÁCIOS, MAS NÃO PODE DIZER QUE VIU ANTES COISA PARECIDA...DE MODO QUE BRASÍLIA FOI ISSO, UMA AVENTURA, UMA AVENTURA MUITO BOA"

Oscar Niemeyer, arquiteto